



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO: O ESTUDO DA ESCOLA SOB A PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA

Débora de Araújo Duarte¹

RESUMO

A educação em si, abarca um campo de conhecimento interdisciplinar, aglutinando contribuições de diversas áreas de conhecimentos. Nesse sentido a Sociologia da Educação, se caracteriza na visão sociológica sobre o fenômeno educativo no contexto da sociedade brasileira. A sociologia diz respeito então a um conjunto de conceitos, de técnicas e de métodos de investigação produzidos para explicar a vida social. É também uma ciência que busca a compreensão e a transformação do real. Ou seja, mais do que uma ação, a sociologia é marcada por uma tentativa de compreensão da dinâmica da própria sociedade. Autores como: Durkheim (1975), Bourdieu (1998) e Silva (2003) discutem o papel que Sociologia da Educação para uma compreensão crítica da realidade social, política, econômica e cultura na qual a escola e a educação estão inseridas e contribui para uma formação de educadores com uma visão crítica que possa formar indivíduos para compreenderem e transformarem a realidade onde vivem. Assim, este artigo de revisão discutirá inicialmente a discussão sobre a importância da Sociologia da Educação e a teoria durkheiana, e, posteriormente, discorrerá sobre o contexto da questão educacional e principais agentes de socialização; e finalizando nas considerações finais analisará os resultados da pesquisa realizada na literatura específica.

Palavras-chave: Escola. Perspectivas. Sociologia da Educação.

¹ E-mail: debora.a.duarte@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A escola em seu atual contexto tem ocupado o centro da reflexão sociológica sobre a educação. É possível observar que, no Brasil, falta reconhecer que essa mesma reflexão apresenta algumas rupturas e delimita. Este artigo tem como tema de estudo: “Sociologia da Educação: O estudo da escola sob a perspectiva sociológica”. Destaca as contribuições de Emile Durkheim (1975) a respeito da realidade educacional e aponta alguns limites da Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu (1998).

O tema deste estudo se justifica pela perceptível compreensão do interesse intelectual pelo pensamento clássico, no mundo acadêmico das Ciências Sociais e pelo fato de que muitos sociólogos estão se empenhando prioritariamente em compreender os processos educativos no Brasil.

Como objetivo geral, este artigo busca identificar a importância da Sociologia da Educação. Quanto aos seus objetivos específicos, consistem em: a) Mostrar a contribuição da disciplina Sociologia da Educação para a formação do educador; b) abordamos os paradigmas clássicos do consenso e do conflito representadas por Durkheim e Pierre Bourdieu.

O método histórico de Durkheim mostra que, a escola seria nessa perspectiva, uma instituição neutra, que difundiria um conhecimento racional e objetivo e que selecionaria seus alunos com base em critérios racionais. Em cada aluno há dois seres inseparáveis, porém distintos.

Já a grandiosidade do empreendimento bourdieusiano, os indivíduos competiriam dentro do sistema de ensino, em condições iguais, e aqueles que se destacassem por seus dons individuais seriam levados, por uma questão de justiça, a avançar em suas carreiras escolares e, posteriormente, a ocupar as posições superiores na hierarquia social.

Dessa forma, Durkheim acreditava que a construção do ser social, feita em boa parte pela educação, é a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios - sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento - que baliza a conduta do indivíduo num grupo. O homem, mais do que formador da sociedade, é um produto dela.

Essa teoria, além de caracterizar a educação como um bem social, a relacionou pela primeira vez às normas sociais e à cultura local, diminuindo o valor que as capacidades individuais têm na constituição de um desenvolvimento coletivo. Portanto, como se pode

observar, o estudo é bastante amplo e complexo, o que se limitará aos seus objetivos gerais e específicos, tornando-o deliberadamente informativo.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura tradicional, descritiva, de natureza qualitativa e bibliográfica, já que a análise se realizou em diversas fontes de pesquisas como conteúdo de livros, artigos científicos, sites, dissertações, teses e bibliográficas virtuais.

1 CARÁTER PROBLEMÁTICO: DISCUSSÃO TEÓRICA

1.1 A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO SEGUNDO COM A TEORIA DE ÉMILE DURKHEIM

A sociologia trata-se de uma ciência que estuda a condução e a forma de convívio entre distintos grupos, assim como as inferências dessas relações. Tem como principal objetivo a compreensão e o estudo da sociedade, com cerne na educação como uma importante ferramenta de relacionamento entre os indivíduos. Uma ciência que promove a consciência social que agregará na formação do senso crítico (SILVA, 2003).

Emile Durkheim é considerado um dos pensadores mais expressivos e

que mais contribuiu para a consolidação da Sociologia como ciência empírica e disciplina acadêmica. O pensamento de Durkheim pode ser balizado, de um lado, pela Revolução Francesa e a Revolução Industrial e, de outro, pelo conjunto de idéias que, sobre esses mesmos acontecimentos.

A sociologia é uma ciência que tem como proposta pensar sobre o homem e a sua interação, produzir conhecimento para pensar o processo social e como funciona esse processo social, Essa construção da sociedade. Sociedade que se faz o tempo todo, que se modifica sem parar. Também surgiu da necessidade de se explicar os problemas sociais, as culturas existentes e as diferenças (DURKHEIM, 1975, p. 36).

Assim, cabe ressaltar que, entre os pressupostos que constituíram a teoria de Durkheim, destaca-se a crença de que a humanidade evolui no sentido de um gradual aperfeiçoamento, impulsionada pela lei do progresso. Esse princípio, herdado do pensamento Iluminista, influenciou toda a vida intelectual do século XIX. Por outro lado, disseminava-se a crença de que a vida coletiva não era apenas um somatório da vida dos indivíduos, mas, apresentava-se mais distinta e mais complexa.

De acordo com Valle (2008, p. 94):

Educação é mais do que apenas a transmissão de conhecimentos e a aquisição de competências valorizadas no mercado. Envolve valores, forja o caráter, oferece orientações, cria um horizonte de sentidos compartilhados, em suma, introduz as pessoas numa ordem moral.

Por isso mesmo, em Educação e Sociologia, o Durkheim realizou uma sistemática análise crítica das concepções acerca dos sistemas de educação, formuladas principalmente por pensadores e filósofos modernos. Crítica, às vezes, a abrangência das propostas, noutros casos, o pouco alcance ou o caráter subjetivo das formulações.

A crítica do autor centra-se em negar o caráter individual da educação especialmente quanto às suas finalidades, bem como, negar a natureza supostamente fixa e imutável do indivíduo. Para o autor, cada sociedade, considerada em momento determinado de seu desenvolvimento, possui um sistema de educação que se impunha aos indivíduos de modo geralmente irresistível. Assim, haveria em cada sociedade um tipo regulador de educação.

Para Durkheim a necessária diversidade pedagógica em dada sociedade, decorre do grau de especialização existente em cada sociedade. Cada profissão constitui um conhecimento especial que é regido por certas ideias e determinadas formas de ver as coisas; o que se deve reconhecer que, a educação não pode ser a mesma, desde certa idade, para todo e qualquer indivíduo.

A Sociologia da educação é uma ciência produtora de conhecimentos específicos que levam a discussão da democratização e do papel do ensino, promovendo uma reflexão sobre a sociedade e seus problemas relacionados à educação. Seu papel é investigar a escola enquanto instituição social, analisando os processos sociais envolvidos, todas as mudanças ocorridas em nossa sociedade, trouxeram mudanças para a educação (DURKHEIM, 1975, p. 37).

Em meio a inúmeros aspectos da sociedade e da educação, destacam-se os paradigmas considerados clássicos que enfocam em suas análises o consenso ou o conflito, correspondendo às correntes positivistas e funcionalista e/ou crítica e dialética originada respectivamente por Émile Durkheim.

Vendo a educação com duplo aspecto, uno e múltiplo, como seus constituintes básicos Durkheim (1975, p. 40) aponta suas principais funções:

Suscitar na criança: 1) certo número de estados físicos e mentais, que a sociedade a que pertença, considere como indispensáveis a todos os seus membros; 2) certos estados físicos e mentais, que o grupo social particular (casta, classe família, profissão) considere igualmente indispensáveis a todos quantos o formem.

Ao tratar das relações entre o educador e a criança submetida à sua influência, Durheim endossa que a criança fique por sua condição natural em estado de passividade e o educador assumindo uma posição de superioridade advinda da sua experiência, sua cultura e da moral que ele encarna.

Assim a ação educativa pode ser entendida como um trabalho de autoridade. A autoridade ou meio essencial da ação educativa. Tal concepção de educação e do papel do professor influenciaria, portanto, as práticas pedagógicas adotadas nas escolas brasileiras ao longo da história da educação e a atividade docente que nela se realiza.

Contudo, a educação entendida como uma prática social que busca formar indivíduos para a vida em

sociedade deve proporcionar uma visão que os permita uma compreensão da sociedade em todas as suas dimensões. Para tanto se torna necessário um currículo que em seus conteúdos e em suas práticas possibilitem uma problematização e reflexão crítica das relações sociais, das relações de poder existentes na sociedade.

1.2 A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO SEGUNDO COM A TEORIA DE PIERRE BOURDIEU

É difícil fazer um balanço equilibrado das contribuições e dos limites da obra de Bourdieu no campo da Sociologia da Educação. A própria grandiosidade do empreendimento bourdieusiano parece conduzir a posições radicais, a aceitações ou rejeições precipitadas, a avaliações apaixonadas que pouco contribui para uma efetiva compreensão da obra do autor.

Bourdieu teve o mérito de formular, a partir dos anos 60, uma resposta original, abrangente e bem fundamentada, teórica e empiricamente, para o problema das desigualdades escolares. Essa resposta tornou-se um marco na história, não apenas da Sociologia da Educação, mas do pensamento e da prática educacional em todo o mundo.

Até meados do século XX, predominava nas Ciências Sociais e mesmo no senso-comum uma visão extremamente otimista, de inspiração funcionalista, que atribuía à escolarização um papel central no duplo processo de superação do atraso econômico, do autoritarismo e dos privilégios adscritos, associados às sociedades tradicionais, e de construção de uma nova sociedade, justa (meritocrática), moderna (centrada na razão e nos conhecimentos científicos) e democrática (fundamentada na autonomia individual).

Supunha-se que por meio da escola pública e gratuita seria resolvido o problema do acesso à educação e, assim, garantida, em princípio, a igualdade de oportunidades entre todos os cidadãos. Os indivíduos competiriam dentro do sistema de ensino, em condições iguais, e aqueles que se destacassem por seus dons individuais seriam levados, por uma questão de justiça, a avançar em suas carreiras escolares e, posteriormente, a ocupar as posições superiores na hierarquia social.

A escola seria, nessa perspectiva, uma instituição neutra, que difundiria um conhecimento racional e objetivo e que selecionaria seus alunos com base em critérios racionais. Bourdieu (1998, p. 53):

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais.

Dentre os inúmeros enfoques da sociedade e da educação, destacam-se os paradigmas considerados clássicos que enfocam em suas análises o consenso ou o conflito, correspondendo às correntes positivista/funcionalista e crítica/dialética originadas respectivamente em Émile Durkheim e Pierre Bourdieu, que influenciam análises e pesquisas no campo da Sociologia da Educação.

Bourdieu teve o mérito de formular, a partir dos anos 60, uma resposta original, abrangente e bem fundamentada, teórica e empiricamente, para o problema das desigualdades escolares. Essa resposta tornou-se um marco na história, não apenas da Sociologia da Educação, mas do pensamento e da prática educacional em todo o mundo.

A sociologia de Bourdieu como um todo está marcada pela busca de superação de um dilema clássico do pensamento sociológico, aquele que se

define pela oposição entre subjetivismo e objetivismo. Por um lado, Bourdieu aponta as insuficiências e os riscos das abordagens que se restringem à experiência imediata do ator individual, ou seja, que se atêm de modo exclusivo ou preponderante ao universo das representações, preferências, escolhas e ações individuais.

Essas abordagens, rotuladas por ele como subjetivistas, são criticadas não apenas por seu escopo limitado, isto é, pelo fato de não considerarem as condições objetivas que explicariam o curso da experiência prática subjetiva, mas, sobretudo, por contribuírem para uma concepção ilusória do mundo social que atribuiria aos sujeitos excessiva autonomia e consciência na condução de suas ações e interações.

Bourdieu (1998, p. 54):

Os professores transmitiriam sua mensagem igualmente a todos os alunos como se todos tivessem os mesmos instrumentos de decodificação. Esses instrumentos seriam possuídos, no entanto, apenas por aqueles que têm a cultura escolar como cultura familiar, e que já são, assim, iniciados nos conteúdos e na linguagem utilizada no mundo escolar.

É impressionante o sucesso alcançado pela Sociologia da Educação

de Bourdieu. Em contraposição ao subjetivismo, Bourdieu afirma, de modo radical, o caráter socialmente condicionado das atitudes e comportamentos individuais. O indivíduo, em Bourdieu, é um ator socialmente configurado em seus mínimos detalhes.

Os gostos mais íntimos, as preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entonação de voz, as aspirações relativas ao futuro profissional, tudo seria socialmente constituído. Se, por um lado, Bourdieu se afasta, então, do subjetivismo, por outro, ele critica, igualmente, as abordagens estruturalistas, definidas por ele como objetivistas, que descreveriam a experiência subjetiva como diretamente subordinada às relações objetivas (normalmente, de natureza lingüística ou socioeconômica).

Segundo ele, faltaria a essas abordagens uma teoria da ação capaz de explicar os mecanismos ou processos de mediação envolvidos na passagem da estrutura social para a ação individual. Reconhecer-se-ia as propriedades estruturantes da estrutura sem, no entanto, analisar os processos de estruturação, de operação da estrutura no interior das práticas sociais.

A educação escolar, no caso das crianças oriundas de meios culturalmente favorecidos, seria uma espécie de continuação da educação familiar, enquanto para as outras crianças significaria algo estranho, distante, ou mesmo ameaçador. A posse de capital cultural favoreceria o êxito escolar, em segundo lugar, porque propiciaria um melhor desempenho nos processos formais e informais de avaliação (BOURDIEU, 1998, p. 56).

Bourdieu observa que a avaliação escolar vai muito além de uma simples verificação de aprendizagem, incluindo um verdadeiro julgamento cultural e até mesmo moral dos alunos. Cobra-se que os alunos tenham um estilo elegante de falar, de escrever e até mesmo de se comportar; que sejam intelectualmente curiosos, interessados e disciplinados; que saibam cumprir adequadamente as regras da boa educação.

1.3 O ESTUDO DA ESCOLA SOB A PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA

Desde a antiguidade, se têm algumas manifestações de um processo educativo um pouco mais sistematizado, o qual se chama de escola, somente na modernidade, a escola assume o papel de uma instituição educativa significativa na sociedade para a organização do

processo educativo socialmente representativo.

Quanto aos professores transmitiriam sua mensagem igualmente a todos os alunos como se todos tivessem os mesmos instrumentos de decodificação. Esses instrumentos seriam possuídos, no entanto, apenas por aqueles que têm a cultura escolar como cultura familiar, e que já são, assim, iniciados nos conteúdos e na linguagem utilizada no mundo escolar; o argumento central do sociólogo é, então, o de que ao dissimular que sua cultura é a cultura das classes dominantes.

Pensar a escola na perspectiva da Sociologia da Educação implica, em primeiro lugar, que pensemos sobre a relação entre educação, escola e sociedade. Tomemos como ponto de partida uma das mais brilhantes definições de educação que temos na literatura pedagógica brasileira, ainda que de conteúdo muito mais filosófico do que sociológico. Trata-se da definição de Saviani, na qual afirma que o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (SAVIANI, 2005, p. 13).

Na história social da humanidade, diferentes e diversas instituições sociais se responsabilizaram

por esse processo de formação humana, pelo processo educativo. Muitos estudos no campo da sociologia – e da antropologia – mostram diferentes formas sociais de apropriação dos elementos da cultura nessas sociedades primitivas.

A família é uma instituição social fundamental e suas características influenciam em todas as demais instâncias da vida social. Assim, podemos ver que o processo de socialização nunca termina e em cada momento da vida, o indivíduo recebe influência maior ou menor de um determinado agente desse processo. Sem que se perceba claramente, nesse processo, há sempre alguém que ensina e alguém que aprende e esta é a essência da socialização; por meio desta, o homem se faz ser social. É com a família que se tem a chamada socialização primária, quando o indivíduo assimila valores, normas e expectativas de seu grupo social (BRANDÃO, 2009, p. 101).

A forma como se realiza o processo de formação humana na sociedade moderna, portanto, a educação no interior da instituição social chamada escola, diz respeito aos valores, ideologias e intenções dos diferentes grupos sociais que disputam seu lugar na hierarquia social. Assim, os estudos da sociologia da educação apontam para a

ideia de que a educação escolarizada nestas sociedades tem, em geral, algumas funções.

Pode ter o objetivo “redentor” de salvar a sociedade da situação em que se encontra, como pode ter como objetivo “reproduzir” a sociedade na sua forma de organização, ou ainda, mediar a busca de entendimento da vida e da sociedade, contribuindo assim para “transformá-la” (LUCKESI, 1990).

O estudo empreendido por Saviani (2008) sobre as bases teóricas da educação, apresentado no conhecido Escola e Democracia – com todas as polêmicas que ainda gera –, analisa a impossibilidade teórica e prática das propostas educativas denominadas por ele como “teorias não-críticas da educação”. Essas teorias, conforme os autores não enfrentam – no sentido de sua superação – o problema da marginalidade.

Lembremos que uma das mais importantes categorias de análise, eleita por nós, para a compreensão das relações entre a educação e a sociedade nestes estudos é a desigualdade social. Diante desta característica definidora da sociedade capitalista moderna, como sustentar a tese das teorias não críticas de que a educação escolarizada é um instrumento de equalização social? Neste sentido, a sociedade é

concebida como essencialmente harmoniosa, tendendo a integração de seus membros (SAVIANI, 2008, p. 4).

Assim, de característica definidora da sociedade capitalista moderna, a desigualdade social – e, conseqüentemente, a marginalidade – é concebida como uma distorção que, pela educação, pode ser superada. A grande contribuição da Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu foi, sem dúvida, a de ter fornecido as bases para um rompimento frontal com a ideologia do dom e com a noção moralmente carregada de mérito pessoal. A partir de Bourdieu, tornou-se praticamente impossível analisar as desigualdades escolares, simplesmente, como frutos das diferenças naturais entre os indivíduos (NOGUEIRA, 2002).

O ponto de partida da educação transformadora, que tem caráter fortemente crítico, é a constatação de que a escola não transforma diretamente a sociedade, mas instrumentaliza os sujeitos que, na prática social, realizam o movimento de transformação. Isto é, a escola tem a especificidade de, do ponto de vista da formação humana, garantir a apropriação de elementos da cultura que se transformem, na prática social, em

instrumentos de luta no enfrentamento da desigualdade social.

Em uma perspectiva crítica, que concebe a educação como um processo de instrumentalização dos sujeitos para a prática social transformadora, Saviani define a função da escola como sendo a de “[...] uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado” (SAVIANI, 2005).

Isso significa afirmar que a educação escolar tem como principal função promover a consciência dos educandos para a compreensão e transformação da realidade. Então, o que é próprio da escola é a garantia da transmissão – não mecânica, mas ativa, compreendida como apropriação – do saber elaborado pela cultura. Neste sentido, essa proposta difere frontalmente daquelas que consideram conjunto de conhecimentos – clássicos e científicos – como desnecessários porque comprometidos com os grupos dominantes para a formação de sujeitos.

Essa proposta pressupõe que a escola, para exercer sua função transformadora no sentido de contribuir para a democratização da sociedade, não pode abrir mão de sua responsabilidade específica que é a de garantir que os sujeitos sociais se apropriem – de forma crítica e reflexiva – do saber elaborado pela cultura a qual pertencem.

Nesse sentido, é importante que o educador compreenda a complexidade da realidade social na qual ele atua. Não basta para isso conhecer a realidade, é preciso pensar sobre ela, tendo as diferentes teorias educacionais como referência.

1.4 BREVE CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TEORIAS SOCIOLÓGICAS

A teoria funcionalista foi criada por Herbert Spencer e retomada por Émile Durkheim no século XX. Durante certo período dos anos 50, esse tipo de teoria dominou a sociologia; agora, representa apenas uma das diversas propostas. Todas as teorias funcionalistas examinam o universo social como um sistema de partes interligadas (TURNER, 1999).

As partes são então analisadas em termos de suas conseqüências, ou funções para o sistema maior. Por exemplo, a família seria vista como uma instituição social básica, que ajuda a manter a sociedade maior, regulamentando o sexo e unindo os adultos, e socializando os jovens para que eles possam se tornar membros competentes de uma sociedade.

Karl Marx e Max Weber foram às origens intelectuais de teorias sobre o conflito, embora outros sociólogos

antigos também vissem o mundo social segundo suas contradições. Ao contrário das teorias funcionalistas, que enfatizam a contribuição das partes para um todo maior, as teorias do conflito vêem os todos sociais cheios de tensão e os contradições (SOUZA, 1975).

Embora haja muitas teorias distintas sobre o conflito, todos partilham um ponto em comum: a desigualdade é a força que move o conflito; e o conflito é a dinâmica central das relações humanas. De fato, seria difícil não notar as tensões e os conflitos que emanam da desigualdade.

Já as Teorias Utilitaristas, esse conjunto final de teorias fornece hipóteses para a compreensão dos homens da moderna economia, que, por sua vez, adotavam as idéias centrais dos filósofos escoceses, tais como Adam Smith (1776) durante a Era da Razão (VIANA, 2007).

Atualmente há muitas variantes específicas dessas perspectivas teóricas. Encontra-se algumas delas à medida que se avança na questão da sociologia. Do ponto de vista da ciência, seria bom ter teorias mais centradas e precisas que tenham sido sistematicamente testadas e que agora organizariam essa introdução à sociologia. Muitos sociólogos não acreditam que isso possa ou deveria ser o caso. Ao contrário, as teorias

sociológicas atuais podem apenas nos ajudar a interpretar aspectos específicos do mundo social (VIANA, 2007).

Contudo, compreende-se que, a teorização funcional vê o universo social como um sistema de partes interligado. As partes são analisadas em termos de suas consequências, ou funções para o sistema maior. Uma parte é examinada com respeito a como se preenche uma necessidade ou requisito do todo.

Nas teorias funcionalistas levam a ver o universo social, ou qualquer parte dele como um todo sistêmico cujos elementos constitutivos funcionam em equilíbrio, ou seja, o funcionamento do todo.

O problema central para a sociologia era aquele que tinha sido articulado pelos pensadores mais antigos do Iluminismo. E a sociedade como um todo, bem como o pensamento sobre cada domínio do universo, evolui através de estágios em velocidades diferentes, ou seja, a astronomia e a física primeiro, depois a química e a biologia, e finalmente a sociologia surge como o último modo de pensar para entrar no estado positivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando diante de todo estudo que, a grande contribuição da

Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu foi, sem dúvida, a de ter fornecido as bases para um rompimento frontal com a ideologia do dom e com a noção moralmente carregada de mérito pessoal; observa-se que, a partir de Bourdieu, tornaram-se praticamente impossível analisar as desigualdades escolares, simplesmente, como frutos das diferenças naturais entre os indivíduos.

Os resultados da pesquisa evidenciam a importância e a decorrente necessidade indispensável das discussões teórico metodológicas promovidas pela disciplina Sociologia da Educação no currículo escolar com a finalidade de condicionar a formação de discentes movidos pelo desejo de transformação social e educacional.

Bourdieu forneceu um importante quadro macrosociológico de análise das relações entre o sistema de ensino e a estrutura social. O sociólogo da educação deve alimentar-se da prática e a partir dela refletir teoricamente sobre as questões. Para que a sociologia da educação seja útil aos futuros professores, ela não deve fazer como as demais disciplinas - ter a teoria como o céu do conhecimento, que vai descendo em cascata.

Utilizar valores ou esquemas pré concebidos gera pré-conceitos que

podem não corresponder à realidade e que em um último momento vai gerar preconceito, isso foi mostrado durante o curso, uma das funções mais importantes do professor dentro do processo educativo e desmistificar, acabar, combater os preconceitos, considerando as diversidades culturais, fazer com que os nossos alunos entendam que a diversidade cultural enriquece a convivência e não serve para julgar e nem analisar o diferente de todos.

Reconhecer, compreender, preservar a diversidade não significa aceitar a desigualdade. Aqui se tem o eixo para trabalhar a educação. Todos os envolvidos com a educação precisam trabalhar o ser humano a formação global de esse ser humano. Tendo que mostrar aos alunos que as diferenças culturais são naturais, que o ser humano são diferente sim e todos tem o seu valor, alguns grupos como os negros apesar de serem maioria são consideradas minoria na hora de exercerem sua cidadania de forma completa, vivem o seu dia a dia com a discriminação e com o pré-conceito.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Organização de M. Nogueira e A. Catani. Rio de Janeiro, Vozes, 1998.

BRANDÃO, Zaia. **A dialética micro/macro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 113, jul. 2009.

DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociologia**. 10a ed. São Paulo, Melhoramentos, 1975.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

NOGUEIRA, C. M. M. e NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 78, abr. 2002.

SOUZA, S.M.R. **Um outro olhar**. São Paulo: FTD, 1995.

SAVIANI, D. **A pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **Escola e democracia**. 40. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, Kelly Cristine Corrêa da. **Os lugares da Sociologia na formação escolar de estudantes do ensino médio: a perspectiva de professores**. 26^a Reunião anual da ANPED, Poços de Caldas, 2003.

TURNER, Jonathan H. **Sociologia:** conceitos e aplicações. São Paulo: Makron Books, 1999.

VALLE, Ione Ribeiro. **O lugar dos saberes escolares na sociologia da**

educação brasileira. Currículo sem fronteiras, v. 8, n. 1, jan.-jun. 2008.

VIANA. Nildo. **A Esfera Artística - Marx, Weber, Bourdieu e a Sociologia da Arte.** Porto Alegre, Zouk, 2007.